



	<u>2ª/3ª M01-EJA – ATIVIDADE MULTIDISCIPLINAR</u>			C. C. SOCIOLOGIA
	Descritores:			Acertos (%):
	Professor regente:		Data:	
	Aluno(a):	Série/Turma:	Nº:	
	Aluno(a):	Série/Turma:	Nº:	

A VISÃO SOCIOLÓGICA SOBRE A PRODUÇÃO DO CAFÉ NO BRASIL

A história do café brasileiro não é apenas uma narrativa econômica de exportações e divisas; é, sobretudo, um poderoso espelho das transformações sociais que moldaram (e continuam moldando) o país. Sob a ótica da sociologia, a cafeicultura revela dinâmicas de classe, formas de dominação, conflitos trabalhistas e disputas por projetos de desenvolvimento regional.

O ciclo do café e a formação de novas elites

Entre meados do século XIX e início do XX, o chamado ciclo do café converteu o Sudeste na locomotiva da economia nacional. Nesse período emergiram os *barões do café*, proprietários de extensas plantações que reproduziram formas patriarcais de poder típicas do patrimonialismo brasileiro: o controle privado de recursos públicos, a influência nas câmaras legislativas provinciais e nos órgãos do Império/República, além da naturalização da hierarquia social.

Estrutura fundiária: latifúndio como herança e obstáculo

A cafeicultura consolidou o latifúndio, perpetuando a concentração de terra já iniciada no período colonial. Da perspectiva da estratificação social, essa estrutura reforçou assimetrias de renda e limitou o acesso de camponeses e ex-escravizados à propriedade, criando um padrão de desigualdade duradouro no campo brasileiro.

Transformações na força de trabalho

O trabalho inicialmente escravo (elemento central do racismo estrutural no Brasil) sustentou a expansão do café até 1888. Com a Abolição, adotou-se a política de substituição da mão de obra via imigração europeia (notadamente italiana e alemã), herdeira do discurso de “branqueamento” e do mito da democracia racial. A passagem do cativo ao trabalho assalariado introduziu novas formas de exploração – salários baixos, moradias precárias nas colônias e sistemas de parceria que endividavam o colono.

Desenvolvimento regional e infraestrutura

A renda cafeeira financiou ferrovias, portos e bancos, impulsionando a urbanização de cidades como São Paulo, Campinas e Ribeirão Preto. A sociologia do desenvolvimento enxerga esse movimento como um caso de modernização dependente: exportávamos commodities e importávamos tecnologia, reforçando a inserção subordinada do Brasil na economia mundial.

Cooperativismo e certificação na contemporaneidade

No século XXI, cresce o cooperativismo agrícola e a busca por certificação de cafés especiais (Fairtrade, Rainforest Alliance, entre outras). Essas iniciativas permitem a pequenos produtores acessar nichos de mercado e tornam o trabalho coletivo um contra-ponto às lógicas hierárquicas do passado, aproximando-se de conceitos de capital social e empoderamento comunitário.

Impactos ambientais e sociologia da sustentabilidade

A fronteira cafeeira historicamente avançou sobre áreas de Mata Atlântica e Cerrado, gerando desmatamento, erosão e contaminação por agrotóxicos. A sociologia ambiental interpreta a recente migração para sistemas agroflorestais e produção orgânica como resposta ao risco socioambiental e à demanda de consumidores por cadeias de valor mais justas e transparentes.

Trabalho, direitos e movimentos sociais

A informalidade, o trabalho análogo à escravidão e o déficit de proteção social ainda assombram partes da cadeia cafeeira. A atuação de sindicatos, MST e organizações de direitos humanos resulta de um processo de conscientização coletiva (no sentido freireano) que visa romper com a naturalização da exploração.

Café como cultura e identidade

Por fim, o café transbordou para a cultura material e simbólica: está em sambas, romances modernistas, frases feitas (“vamos tomar um cafezinho?”) e no ritual cotidiano que cria laços de sociabilidade. Tal ubiquidade confirma a noção de que produtos agrícolas podem converter-se em marcadores identitários de uma nação.

Ao analisar a cafeicultura com lentes sociológicas, enxergamos não apenas grãos, mas relações de poder, conflitos, adaptações e resistências que atravessam a história brasileira. Compreender essas múltiplas camadas é essencial para orientar políticas públicas rumo a um campo mais justo, sustentável e democrático.



ATIVIDADE PROPOSTA

1. O surgimento dos “barões do café” no Sudeste brasileiro é exemplo de qual conceito sociológico?
(A) Patrimonialismo
(B) Mobilidade social horizontal
(C) Modernização reflexiva
(D) Meritocracia republicana
(E) Desorganização social
2. A substituição da mão de obra escrava por imigrantes europeus após 1888 evidenciou:
(A) A adoção do trabalho fordista na lavoura
(B) O fim das relações de exploração na cafeicultura
(C) A permanência de práticas de dominação sob nova forma assalariada
(D) A total equiparação salarial entre brancos e negros
(E) A estatização das terras cafeeiras
3. A concentração fundiária típica dos latifúndios de café contribuiu principalmente para:
(A) Descentralizar a renda agrária
(B) Reduzir as desigualdades regionais
(C) Impulsionar a reforma agrária
(D) Garantir acesso universal à propriedade
(E) Reforçar disparidades sociais no campo
4. Na sociologia do desenvolvimento, o financiamento de ferrovias com recursos do café é frequentemente interpretado como sinal de:
(A) Autarquia econômica
(B) Modernização dependente
(C) Desobediência civil
(D) Planejamento centralizado
(E) Economia solidária
5. O cooperativismo contemporâneo entre cafeicultores representa uma tentativa de:
(A) Ampliar a dependência de intermediários
(B) Concentrar ainda mais as terras
(C) Eliminar a certificação de cafés especiais
(D) Fortalecer o capital social e o poder de negociação dos pequenos produtores
(E) Substituir o mercado externo pelo interno
6. A certificação de cafés Fairtrade está associada à busca por:
(A) Resposta a pressões de sustentabilidade e justiça social nas cadeias globais
(B) Aumento da produtividade via transgênicos
(C) Privatização dos recursos hídricos na lavoura
(D) Redução da diversidade de cultivares
(E) Desregulamentação dos direitos trabalhistas
7. O avanço histórico da cafeicultura sobre a Mata Atlântica é citado como exemplo de:
(A) Eco-eficiência integral
(B) Neutralidade de carbono espontânea
(C) Risco socioambiental decorrente da produção agrícola extensiva
(D) Economia circular clássica
(E) Planejamento ecológico colonial
8. A noção de café como “marcador identitário” refere-se à categoria sociológica de:
(A) Alienação do trabalho
(B) Anomia social
(C) Desencantamento do mundo
(D) Cultura material e simbólica
(E) Mobilização de recursos
9. A persistência de trabalho análogo ao escravo na produção de café contemporânea indica:
(A) A completa ausência de conflitos trabalhistas
(B) A efetividade plena da legislação vigente
(C) A irrelevância dos sindicatos rurais
(D) O predomínio da automação total no campo
(E) Continuidades históricas de exploração e desigualdade
10. Segundo a abordagem dos movimentos sociais, a luta de trabalhadores e camponeses por melhores condições na cafeicultura é um exemplo de:
(A) Conscientização coletiva e ação contestatória
(B) Desobediência cognitiva pós-industrial
(C) Funcionalismo estrutural-equilibrador
(D) Determinismo tecnológico
(E) Teoria da escolha racional aplicada aos consumidores